



PRÁTICAS CORPORAIS NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: RELATANDO A EXPERIÊNCIA COM O JOGO/BRINCADEIRA “ESTOURA BALÃO”

Eslayne Silva Boa Sorte ¹
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: As experiências narradas e discutidas nesse espaço são frutos de conjunturas originadas no Programa Saúde na Escola, mediante a realização da ação de Promoção das práticas corporais, da atividade física e do lazer nas escolas. As cenas em questão aconteceram em uma Escola Municipal com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental II. As ações desenvolvidas foram planejadas na ótica da educação em saúde visando o desenvolvimento de competências e habilidades motoras. Não obstante, caminharam em uma direção progressista à sensibilidade que fez germinar a problematização, o pensamento crítico e o questionamento das intenções do processo educativo e dos efeitos das ações nos sujeitos. O cenário reflete o incentivo às características neoliberais: o espírito de competição, sentimento de esforço e sucesso individual. As cenas narradas poderiam ser interpretadas pela lógica vigente como naturalizadas e normais, num contexto em que a escola atua no sentido de ensinar os alunos a competirem de forma saudável, sem evidenciar a problematização das relações de poder que subjazem as questões mais amplas que são intrínsecas às práticas corporais. Assim, as práticas corporais e atividades físicas são compreendidas num sentido mais amplo, que não se centra apenas no ideal de promoção e prevenção, mas que ao possibilitar a convivência e o contato com o outro, exige também a sensibilidade, forjando outros sentidos e saberes.

Palavras-chave: Multiculturalismo Crítico. Práticas Corporais. Programa Saúde na Escola.

Introdução

O presente trabalho trata-se de um relato de experiências adquiridas através das ações desenvolvidas no Programa Saúde na Escola (PSE) em um Município integrante do Território de Identidade Velho Chico. O PSE é uma política Inter setorial do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, instituído em 2007 pelo Decreto nº 6.286. O programa foi criado com o objetivo de contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde.

O programa institui doze ações mínimas a serem desenvolvidas, como proposta inicial, mas não se esgota as possibilidades, tendo em vista as necessidades individuais de cada contexto.

¹ Graduação Plena em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF- AB); E-mail: eslayne_silva.10@hotmail.com

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Esse trabalho se originou das cenas de uma Escola Municipal de Ensino fundamental I mediante a realização de ações de Promoção das práticas corporais, da atividade física e do lazer e objetiva relatar uma experiência adquirida com a realização do jogo/brincadeira: Estoura Balão.

As ações desenvolvidas foram planejadas na ótica da educação em saúde visando o desenvolvimento de competências e habilidades motoras. Não obstante, caminharam em uma direção progressista à sensibilidade que fez germinar a problematização, o pensamento crítico e o questionamento das intenções do processo educativo e dos efeitos das ações nos sujeitos.

Objetivo Geral

- Relatar a experiência adquirida através do Programa Saúde na Escola que fez germinar a problematização, o pensamento crítico e o questionamento das intenções do processo educativo, resultando na ressignificação da ação.

Metodologia

No cenário em questão, as ações do PSE são planejadas de forma colaborativa entre profissionais da saúde e da educação. Nesse ínterim, cada escola escolhe as possíveis ações para serem efetivadas tendo em vista as suas particularidades. Conforme escolhidas as ações, os profissionais que compõem a Atenção Básica e o Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF- AB) planejam a atuação em consonância com as atribuições e competências profissionais necessárias.

As ações de promoção das práticas corporais, da atividade física e do lazer nas escolas são desenvolvidas por Profissional de Educação Física que compõe o NASF e a identidade da atividade na escola é fruto do planejamento colaborativo e intenta contribuir para a autonomia, inclusive, na capacidade de influenciar a melhoria da saúde e da coordenação motora dos alunos, ao identificar e valorizar os diferentes traços gestuais. Para isso, os jogos/brincadeiras são ressignificados para atender esse propósito.

Nessa perspectiva, em uma Escola Municipal de um município que integra o território de identidade Velho Chico com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental II através da brincadeira estoura balão emergiram cenas que deram origem a uma progressiva reflexão sobre as características neoliberais fortemente reproduzidas no cenário escolar e os seus efeitos nos sujeitos. Inclusive, mediu o entendimento que as ações de práticas corporais, da atividade física e do lazer nas escolas não se resumem apenas à promoção, prevenção e atenção à saúde, existe uma multiplicidade de fatores. Ao abarcar os jogos/brincadeiras e

demais práticas corporais e atividades físicas a ação faz brotar a interação, o convívio, os traços gestuais e a subjetividade o que presume a não imposição de significados e a possibilidade de livre expressão.

Discussão/Resultados

Como já se mencionou, as experiências narradas e discutidas nesse espaço são frutos de conjunturas originadas no Programa Saúde na Escola, mediante a realização da ação de Promoção das práticas corporais, da atividade física e do lazer. As cenas em questão aconteceram em uma Escola Municipal com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental II.

Para efetuar a ação, inicialmente foram realizados alguns alongamentos que continham um caráter extremamente dinâmico e lúdico, a fim de torná-lo mais atrativo e menos mecânico. Conquanto, as ações são construídas pelo viés da prática pela prática, existe a preocupação de tornar o cenário mais familiar e menos desligado das representações e significações do alunado. Tendo findado os alongamentos, reunimos a turma para iniciar os jogos e brincadeiras. A primeira brincadeira praticada foi o *estoura balão* e através dela revelou-se as cenas que compõe esse relato de experiência.

O jogo/brincadeira consistia da seguinte maneira: cada criança tinha amarrado a seu tornozelo direito um balão e quando solicitado deveria tentar estourar o balão dos colegas apenas usando os pés e evitar que o colega estourasse o seu. No jogo/brincadeira, toda a turma jogava ao mesmo tempo e quem ficasse por último com o balão cheio seria o vencedor.

Tendo explicado a dinâmica, pedimos aos estudantes que aguardassem a contagem regressiva para começar. Iniciamos o jogo/brincadeira e todos estavam se divertindo e aqueles que tinham seus balões estourados eram retirados, de início ficavam chateados, mas logo vinham assistir e torcer para os que ainda estavam em jogo.

Nesse cenário, a algazarra dos alunos no pátio chamou a atenção de um rapaz que trabalhava na escola, que se juntou a nós para assistir. Em alguns momentos ele se juntava aos alunos e fazia menção de estourar os balões, mas os alunos se esquivavam e seguiam para outros lugares. A brincadeira continuava de forma tranquila, até que um dos alunos com seu balão ainda cheio se esquivou do colega e lançou o pé para trás, nesse momento o rapaz aproveitou a oportunidade e estourou o balão do aluno. De imediato, o aluno surpreso e insatisfeito procurou-nos e disse “Ele estourou meu balão, foi ele, foi ele, eu estava lá parado e ele estourou meu balão”. Ao se aproximar do aluno, a professora tentava de certa forma consolá-lo e ele insistia e reafirmava “eu estava lá parado e ele estourou meu balão”. O aluno

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



chorava, sentado, aborrecido e triste e a professora voltou-se a ele novamente na intenção de confortar e disse: “Não se pode ganhar sempre, temos também que saber perder, são regras do jogo”. O aluno com olhar contrariado contestou: “Mas, quem estourou meu balão foi ele, não foi na brincadeira, eu estava parado e ele pisou no meu balão, eu sair porque ele pisou”.

Ao observar toda a cena eu olhei pra professora e disse: “posso dar a ele outro balão”? O rapaz também assistia e ao perceber a situação me pediu para que amarrasse outro balão e o colocasse novamente em jogo, então a professora satisfeita concordou. Parei todo o jogo, expliquei aos alunos a situação, todos entenderam e concordaram e o aluno aliviado, retornou para o jogo.

Conquanto, nos parecesse justo colocá-lo novamente em jogo, pois entendia que ele não havia sido eliminado de forma democrática e parcial, naquele momento não parei para refletir sobre o apelo que ele fazia e muito menos do que ele tentava dizer ao bradar “Mas, quem estourou meu balão foi ele”. Tampouco, conseguia refletir sobre a posição assumida pela professora ao afirmar que perder fazia parte do jogo.

Ao voltar para casa, não conseguia esquecer a cena e comecei meditar nela. À vista disso, refletia o contexto do jogo, as posições dos sujeitos e os discursos abarcados por eles e recordava das proposições teóricas do currículo cultural da Educação Física e a forma como ele orienta a pensar e repensar situações como essas.

O currículo cultural da Educação Física, proposto pelos professores Neira e Nunes tem a cultura como ponto de partida e apego e é pautado nos pressupostos da teorização pós-crítica, sobretudo nos Estudos Culturais (EC) e no multiculturalismo crítico e “trata-se de um apelo para que se reconheça que na escola, assim como na sociedade, os significados são produzidos por experiências que precisam ser analisadas em seu sentido político-cultural mais amplo” (NEIRA, 2016, p. 86).

Mediante as elucubrações das teorias mencionadas, comecei a interpretar a situação e compreendi que às relações de poder são impostas aos sujeitos como situações inevitáveis, e por isso a afirmação de que perder fazia parte do jogo foi utilizada. Nas diversas esferas competitivas existe a seleção e classificação dos melhores, cabendo aos outros conformarem-se. Essas são as regras do jogo capitalista.

Depreendi nesse momento a súplica do aluno, pois ele entendia a situação como desfavorável e imparcial e embora não tivesse ainda argumentos suficientes para defender sua posição, através da fala dele, era possível desvelar descontentamento, não por simplesmente ser eliminado, mas por ser excluído por uma situação que considerava altamente injusta. Ele

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



foi desfavorecido e excluído e por isso não se contentava. E sua súplica, centrava-se na necessidade de competir em grau de igualdade.

Elucidar a situação por intermédio das reflexões pós-críticas nos permitem reconhecer os desígnios da escola e os valores e conteúdos que normalmente são transmitidos, apontando as injustiças dos modelos reprodutores dos sistemas sociais e denunciando a educação como campo em que ideologias se confrontam para impor sua lógica (NEIRA, 2011).

Isso reflete o incentivo às características neoliberais: o espírito de competição, sentimento de esforço e sucesso individual. Destarte, na maioria das vezes os discursos parecem está prontos para atender as demandas que emergem dessas situações, sendo permeados de confortos ao se afirmar que participar de jogos exige também saber perder, como se esse fosse o único princípio passível de problematização no contexto do esporte e do jogo, reproduzindo o ideal capitalista de que o melhor vence, sem analisar outras implicações para o jogo. Em meio às circunstâncias acreditava que a professora regente era quem devia interferir e me ocultei. Diante de uma situação de injustiça como essa, calar-se, mesmo que não intencionalmente é deixar valer o desejo da maioria, o que não prediz nessa circunstância à assunção correta. É preciso questionar, problematizar, explicar e esclarecer, assim como tentava fazer o aluno. As circunstâncias nos levam a perceber, que o propósito da atividade era trabalhar habilidades motoras, mas fomos surpreendidos por uma situação em que era necessário ter sensibilidade para entender o contexto complexo e polissêmico.

O enredo incita meditar sobre as inúmeras situações de desvantagens e desigualdades que acontecem nas variadas instâncias sociais, dentre elas a escola, e ao tentar contribuir para o enfretamento de tais práticas, as perspectivas pós-críticas da educação têm alertado sobre os significados imbuídos nos discursos que circulam na sociedade, “[...] que transmite a impressão de naturalidade e impossibilidade de mudanças” (NEIRA; NUNES, 2011, p. 678). Por isso, torna-se importante “[...] saber como os discursos e práticas atuam de modo a levar os sujeitos a assumirem certas posições no sistema social e como os sujeitos são construídos por esses mesmos discursos e práticas” (NEIRA; NUNES, 2011, p. 681).

Como política cultural o multiculturalismo crítico assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, apontando focos de resistência (NEIRA, 2016). É uma denúncia para a reprodução da desigualdade efetivada também pelas escolas.

As cenas narradas poderiam ser interpretadas pela lógica vigente como naturalizadas e normais, num contexto em que a escola atua no sentido de ensinar os alunos a competirem de



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



forma saudável, sem evidenciar a problematização das relações de poder que subjazem as questões mais amplas que são intrínsecas às práticas corporais.

Do discurso do aluno emergiram críticas e descontentamentos e embora ele seja ainda muito inexperiente seu discurso já demonstra reconhecimento da necessidade de igualdade de direitos e acesso. E são posições como essa que o currículo cultural tenciona forjar.

Considerações Finais

A situação descrita permite reconhecer os desígnios da atuação e a necessidade de saber lidar com o imprevisto, o imprevisível o que prediz a inexistência de um caminho único a ser seguido e/ou de uma receita pronta. De fato, são nas experiências, no ir e vir da prática cotidiana, integrado por diferentes oportunidades, que se constrói a docência e, conseqüentemente, se aprende a enfrentar e a superar os obstáculos. Esse espaço de debates e reflexões profundas e profícuas se tornam relevantes tanto para docência, quanto para a atuação como Profissional de Educação Física na saúde, uma vez que, os diferentes projetos de escola influenciam na formação do cidadão.

As reflexões são frutos de intensos debates e experiências que me fizeram depreender sobre o papel da escola e, por conseguinte ressignificou a minha intencionalidade política e também pedagógica. Ademais, fez florescer reflexões sobre o papel do Profissional de Educação Física na saúde e sua interferência com a formação humana. Assim, as práticas corporais e atividades físicas são compreendidas num sentido mais amplo, que não se centra apenas no ideal de promoção e prevenção, mas que ao possibilitar a convivência e o contato com o outro, exige também a sensibilidade, forjando outros sentidos e saberes.

Referências

NEIRA, M. G. **Educação Física**. v. 8. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção A Reflexão e a Prática no Ensino).

NEIRA, M. G. Educação Física Cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v.12, n.2, p.82-103, Jul/Dez 2016.

NEIRA, M. G. “Artistando” O Currículo Cultural da Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 20, n. 01, p. 80-93, jan./abr. 2016.

NEIRA, M.G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, 2011.